

1º Semestre 2014

Ciclo I

Aluno: Renata Batisteli de Oliveira

Título: *DRINK ME, EAT ME: ALICE E A REGRESSÃO*¹

Haviam portas ao redor do salão inteiro, mas estavam todas trancadas; depois de percorrer todo um lado e voltar pelo outro, experimentando cada porta, caminhou desolada até o meio, pensando como haveria de sair dali.

De repente topou com uma mesinha de três pernas, feitas de vidro maciço, sobre ela não havia nada, a não ser uma minúscula chave de ouro, e a primeira idéia de Alice foi que devia pertencer a uma das portas do salão; mas, que pena! Ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era pequena demais, de qualquer maneira não abria nenhuma delas. No entanto, na segunda rodada, deu com uma cortina baixa que não havia notado antes; atrás dela havia uma portinha de uns quarenta centímetros de altura: experimentou a chavezinha de ouro, que, para sua grande alegria, serviu!”

Em aula ouço “O sujeito é ao mesmo tempo regressivo e progressivo”. Imediatamente me recordo, como uma cena/imagem única, um trecho da história Alice no País das Maravilhas [1865], de Lewis Carroll. Digo em uma cena única porque me aparece como uma imagem unificada lado a lado a garrafinha de medicação do período vitoriano com uma etiqueta com escrito: *drink me* e um pedaço de bolo com o *eat me*. Penso se tratar de uma condensação, processo característico do inconsciente, no qual duas ou mais imagens se combinam para formar uma imagem composta, freqüente nos sonhos e demais atos inconscientes. Sei das conseqüências na história da ingestão por Alice de ambos conteúdos, ao beber o líquido da garrafa ela diminui de tamanho e ao ingerir o bolo ela cresce muito, e nessas situações deve lidar com os resultados dessas alterações, e na minha recordação, até o momento que consegue retomar ao tamanho “normal”. Volto para casa pensando em que relação isso poderia ter com a psicanálise, a aula e o tema regressão e com a frase que me trouxe a memória de tal imagem...

¹ Trabalho selecionado para o Colóquio Interno do 1º semestre de 2014.

Alice no País das Maravilhas é um texto que gosto muito, talvez por seu conteúdo nonsense e a necessidade de interpretação dos fatos para a compreensão da história. Claro, eu não sou a única que me interessa por *Alice*, existem diversas leituras sobre o escrito de Carroll. Martin Gardner, autor de uma edição comentada de *Alice*, de 1960 e reeditado em 2000, afirma na introdução à primeira edição: *“Como Homero, a Bíblia e todas as outras grandes obras de fantasia, os livros de Alice prestam-se facilmente a qualquer tipo de interpretação simbólica – política, metafísica ou freudiana. Alguns comentários eruditos desse gênero são cômicos.”* (viii) O comentarista apresenta algumas dessas interpretações, e que devido “tal profusão de símbolos convidativos que podemos partir de qualquer pressuposto sobre o autor para desenvolver uma teoria clínica”. Nesta mesma introdução apresenta exemplo de interpretações psicanalíticas, relacionando dados da biografia do autor com os conteúdos do texto e aponta suas dúvidas quanto às certezas contidas em tais interpretações (Afinal, como fazer essa relação sobre os conteúdos sendo que não são associações do próprio “analista”/escritor, mas sim do “analista”, feita a partir de dados biográficos muitas vezes supostos pelos “analistas”, por outro lado Freud não fez interpretações de textos famosos à seu tempo?)

Como ficar esperando junto da portinha parecia não adiantar muito, voltou até a mesa com uma ponta de esperança de conseguir achar outra chave sobre ela, ou pelo menos um manual com regras para encolher pessoas como telescópios; dessa vez achou lá uma garrafinha (“que com certeza não estava aqui antes”, pensou Alice), em cujo gargalo estava enrolado um rótulo de papel com as palavras “BEBA-ME” graciosamente impressas em letras graúdas.”

Uma breve procura nos meios eletrônicos disponíveis apresentam outras tantas interpretações psicanalíticas da história de *Alice*: como uma metáfora da adolescência; a relação entre a aventura de Alice no País das Maravilhas e o processo de alienação e separação teorizado por Lacan; à queda da personagem Alice à experiência catastrófica, descrita por Bion; o coelho e considerações acerca do tempo na psicanálise; o conceito de espaço transicional de Winnicott; as diversas significações referentes ao desenvolvimento infantil; crescimento enquanto terapeuta; como modelo do funcionamento dos sonhos... Enfim, em uma pequena procura tenho a impressão de que tudo já foi dito sobre o texto de Alice (e isso porque me ative

apenas aos de viés psicanalítico, sem ler os que o interpretam com teorias de outras áreas como Direito, Lógica, Pedagogia, etc!), mas também continuo na dúvida... Que relação foi esta que eu fiz com o dito da aula, o texto regressão, o texto de Alice e a imagem criada por mim? Será que posso buscar algum sentido nisso tudo, pensando na teoria proposta por Freud no texto regressão, a imagem criada por mim ao ouvir o dito da aula? Bom, confesso que a profusão de interpretações das mais variadas sobre o *Alice* me tranqüilizou em dois sentidos: eu não estou sozinha nesta empreitada, de relacionar *Alice*, psicanálise e etc ; e posso realizar tal tarefa com certa liberdade, afinal, existem diversos caminhos para a compreensão dos sentidos do nonsense de Alice. E, pois bem, não é parte do processo de tornar-se analista, realizar a escuta do que é dito, como isso reverbera internamente e buscar qual a relação com a teoria psicanalítica? Assim, me proponho a ir à busca disso, mas utilizando a imagem que criei, com os trechos referentes a tal imagem de Alice no País das Maravilhas e as ideias sobre regressão na teoria freudiana.

Primeiro procuro pelo momento em que Alice muda de tamanho, e ao consultar a edição comentada, descubro que é já no primeiro capítulo que Alice se depara com a garrafinha, porém esta será a primeira de 12 ocasiões no livro em que Alice muda de tamanho! Talvez seja uma indicação que a imagem que criei se referia a um processo de mudanças, idas e vindas... Condensado na imagem da garrafa e do bolo... Mas será que também é possível utilizar tal processo como uma metáfora a algo relacionado à progressão e regressão, no sentido proposto no texto freudiano?

O conceito de regressão foi definido em 1900, no texto *A Interpretação dos Sonhos* e desempenha um papel importante neste momento do trabalho freudiano. A definição inicial era sobre como ocorria a alteração da direção dos processos psíquicos da extremidade motora para a extremidade perceptiva, no primeiro modelo de aparelho psíquico criado por Freud, permitindo a transformação de pensamentos em imagens, com grande importância na produção onírica. A regressão também ganhará importância clínica, em especial nos trabalhos de autores pós-freudianos, devido a participação na formação dos sintomas, nas demais formas de manifestação de conteúdos inconscientes e na transferência analítica.

No capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos* há uma seção dedicada ao conceito de regressão. Neste texto Freud propõe a distinção entre três tipos de regressão:

- 1) Regressão Tópica: no sentido do quadro esquemático dos sistemas-psi;
- 2) Regressão Temporal: Um retorno às estruturas psíquicas mais antigas;
- 3) Regressão Formal: onde os métodos primitivos de expressão e representação tomam lugar dos métodos habituais.

Porém, após apresentar estas três distinções às coloca como mais em termos de formalização teórica do que em sua ocorrência afirmando: *No fundo, porém, todos esses três tipos de regressão constituem em um só e, em geral, ocorrem juntos, pois o que é mais antigo no tempo é mais primitivo na forma e, na tópica psíquica, fica mais perto da extremidade perceptiva.* Apesar de atenta ao indicativo freudiano, vou utilizar as distinções propostas por ele como balizas, na tentativa de organizar diferentes caminhos para a tarefa proposta.

Regressão Temporal

Era muito fácil dizer “Beba-me”, mas a ajuizada pequena Alice não iria fazer isso assim as pressas. “Não, vou primeiro olhar”, disse, “ e ver se está escrito “veneno” ou não”; pois lera muitas historinhas divertidas sobre crianças que tinham ficado queimadas e sido comidas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembravam das regrinhas simples que seus amigos lhes haviam ensinado: que atizador em brasa acaba queimando sua mão se você insistir em segurá-lo por muito tempo; quando você corta o dedo muito fundo com uma faca, geralmente sai sangue; e ela nunca esquecera que, se você bebe muito de uma garrafa em que esta escrito “veneno”, é quase certo que vai se sentir mal, mais cedo ou mais tarde.

Como, porém nessa garrafa não estava escrito ‘veneno’, Alice se arriscou a provar e, achando o gosto muito bom (na verdade, era uma espécie de sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, puxa-puxa e torrada quente com manteiga), deu cabo dela num instante.

A primeira associação possível é com a regressão no sentido muitas vezes dado hoje até mesmo pelo senso comum, em que a regressão é voltar a um estado infantil ou para um estágio de desenvolvimento anterior, no qual se faz uso de recursos mais arcaicos, no sentido de desenvolvimento individual, ontogênico. A primeira relação que faço está ligada à noção de regressão no sentido temporal, de uso mais frequente em psicanálise, que é descrito por

Laplanche e Pontalis(2000) como “uma sucessão genética e designa o retorno do sujeito a etapas ultrapassadas de seu desenvolvimento (fases libidinais, relações de objeto, identificações, etc).”

Há um imperativo na garrafa, porém Alice questiona e se recorda dos riscos e perigos que as crianças correm ao fazerem uso objetos/artifícios/instrumentos, que possibilitam de alguma forma acesso ao que é desejado, mas podem causar algum dano. De alguma forma existe um conhecimento sobre os riscos de tais usos, transmitidos anteriormente por amigos (adultos) e que devem/são introjetados, como revela a frase de Alice: *Eu nunca me esqueço!* Tais historinhas divertidas eram os contos de fadas tradicionais, que tinham uma função moral, que quase sempre se opõe ao desejo. Na cena relata pode-se pensar que ao fazer uma avaliação sobre se deve ou não beber o líquido aspectos mais maduros são evocados, numa demonstração de princípio de realidade, porém, os aspectos mais imediatistas, onipotentes e possivelmente mais arcaicos e regredidos da personagem são preponderantes, e resultam na ação de beber o conteúdo da garrafa. Esta ideia de um retorno a estágios mais primitivos de organização aparentemente é apresentada pela própria personagem Alice, que se questiona em diferentes momentos do trecho escolhido, seu comportamento infantilizado, frente a impossibilidade de modificar a situação vivenciada.

“Que sensação estranha!” disse Alice; “devo estar encolhendo como um telescópio!”

E estava mesmo; agora só tinha vinte e cinco centímetro de altura e seu rosto se iluminou à ideia de que chegara ao tamanho certo para passar pela portinha e chegar àquele jardim encantador. Primeiro, no entanto, esperou alguns minutos para ver se ia encolher ainda mais: a ideia a deixou um pouco nervosa; “pois isso poderia acabar,” disse Alice consigo mesma, “me fazendo sumir completamente, como uma vela. Nesse caso, como eu seria” E tentou imaginar como é a chama de uma vela depois que a vela se apaga, pois não conseguia se lembrar de jamais ter visto tal coisa.

Um pouco depois, descobrindo que nada mais acontecera, decidiu ir imediatamente para o jardim; mas pobre Alice! Quando chegava à porta, viu que tinha esquecido a chavezinha de ouro e, quando voltou à mesa para pegá-la, constatou que não conseguia alcançá-la: podia vê-la muito bem através do vidro, e fez o que pode para tentar subir por uma das pernas da mesa, mas era

escorregadia demais; tendo se cansado de tentar, a pobre criaturinha sentou no chão e chorou.

Outro caminho possível é o de se pensar em objetos (e relações?) que tem a capacidade de proporcionar crescimento ou diminuição, num sentido psicológico, progressão ou regressão, de acordo com o desenvolvimento ou a introjeção destes... Mas será que neste momento esta é a melhor hipótese? Ou será possível fazer uma interpretação de tamanha linearidade? E como pensar referenciais teóricos para tais questões neste momento?

Regressão Formal

Abriu a porta e descobriu que dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato: ajoelhou-se e avistou, do outro lado do buraco, o jardim mais encantador que já se viu. Como desejava sair daquele salão escuro e passear entre aqueles canteiros de flores radiantes e aquelas fontes de água fresca! Mas não era capaz nem de enfiar a cabeça”, pensou a pobre Alice, “isso de pouco adiantaria sem meus ombros. Ah, como gostaria de poder me fechar como um telescópio! Acho que conseguiria, se soubesse pelo menos começar. Pois, vejam bem, havia acontecido tanta coisa esquisita ultimamente que Alice tinha começado a pensar que raríssimas coisas eram realmente impossíveis.

Se existisse um manual de regras para “transformar as pessoas em telescópio” não seriam as regras de funcionamento do inconsciente, o que permite a regressão? A garrafinha (ou caminho para a regressão) não seria disponibilizado diante da necessidade ou do desejo de algo que não se obtém, por impedimentos? O conteúdo da garrafinha também é de condensação ou inconsciente, afinal como em um pequeno frasco cabe uma gama variada de sabores que se distinguem e misturam?

A regressão formal seria uma alteração na expressão e representação dos métodos usuais dos processos mentais. Assim, quando ocorre uma regressão no sentido formal existe um retorno ao nível inferior de complexidade, estruturação e diferenciação do pensamento normal, então, dos processos secundários, passível de avaliação e elaboração, para processos primários, inconscientes, mais primitivos e de busca de resolução imediata.

Os sonhos seriam uma ocorrência desta regressão formal à condição mais primitiva do sonhador, pois com a diminuição das resistências proporcionada pelo sono, se torna possível uma revivescência de sua infância, e dos métodos

de expressão que dispunha a época, para a tentativa de satisfação imediata de desejos. Para a formação dos sonhos são utilizados os mecanismos de condensação e deslocamentos, característicos do processo primário.

Aqui, comparo o processo vivenciado por Alice a um sonho, ou ao de formação de um sonho, no qual para a realização de um desejo (entrar no belo jardim) através de mecanismos de condensação e deslocamento, num processo realizado no inconsciente (onde mais dar voltas no sala faria aparecer objetos passíveis de adequar seu tamanho para a tentativa de realização do desejo?). Os sonhos são atos psíquicos tão importantes quanto quaisquer outros; sua força propulsora é um desejo que busca realizar-se e o fato de não serem reconhecidos como desejo deve-se a influência da censura psíquica a que são submetidos em seu processo de formação. Assim, em Alice existe a tentativa de realização de desejo, o princípio de prazer como regente do processo e a ocorrência de condensação e deslocamento.

Da mesma forma como Freud relata ter ocorrido no sonho da injeção de Irma, o pensamento onírico representado estava no optativo, em Alice, o *“Ah, como gostaria de poder me fechar como um telescópio”*. Assim como no processo de formação onírica o pensamento do sonhador como optativo ou esperança de que algo aconteça, para Alice o desejo encolher como um telescópio, se torna possível; como no sonho o optativo é substituído por presente direto, o desejo de Alice se apresenta no conteúdo da garrafa que a permite encolher. Assim como descrito por Freud, na cena apresentada uma possibilidade, de encolher como um telescópio, é transformada em algo possível, através do beber o líquido da garrafa.

Freud aponta que no caso dos sonhos a regressão é facilitada pela não estimulação dos órgãos dos sentidos, porém, nos outros casos em que ocorre a regressão existe uma compensação por outros fatores (como a frustração?) que permite uma intensificação da catexia, que permite a regressão. Será possível pensar, o consumo do líquido e do bolo como um acréscimo desse investimento?

Regressão Tópica

Pouco depois deu com os olhos numa caixinha vidro debaixo da mesa: abriu-a, e encontrou dentro um bolo muito pequeno, com as palavras “COMA-ME”,

lindamente escritas com passas sobre ele. “Bem, vou comê-lo”, disse Alice; “se me fizer crescer, posso alcançar a chave; se me fizer diminuir, posso me esgueirar por baixo da porta; assim, de uma maneira ou de outra vou conseguir chegar ao jardim; para mim tanto faz!”

Comeu um pedacinho, e disse para si mesma, aflita, “Para cima ou para baixo?”, com a mão sobre a cabeça para sentir em que direção estava indo, ficando muito surpresa ao verificar que continuava do mesmo tamanho: não há dúvida de que isso geralmente acontece quando se come bolo, mas Alice tinha se acostumado tanto a esperar só coisas esquisitas acontecerem que lhe parecia muito sem graça e maçante que a vida seguisse de maneira habitual.

Assim, pôs mãos à obra e, num segundo, deu cabo do bolo.

No Interpretação dos Sonhos Freud apresenta uma construção teórica de aparelho psíquico dividido em sistemas, com tarefas distintas, sendo o perceptivo responsável por captar as percepções do mundo externo e interno, outro por armazenar traços mnêmicos de tais percepções e por último um responsável pela realização de atividades motoras. Tais traços são armazenados de acordo com a ligação entre eles, podendo ser temporal, de similaridade, entre outros. Apresenta que existe um caminho progressivo no processo de percepção de estímulos, para o de registro como traço mnêmico e por último o de uma ação possível. Este caminho será característico das ações de pensamento e vida de vigília.

Quando consideramos a formação dos sonhos (e estados patológicos de vigília, como visões e alucinações) o caminho da excitação é retrocedente, regressivo, de forma que em vez de se direcionar para a extremidade motora ela vai sentido ao sistema sensorial e as intensidades oriundas do inconsciente chegam ao sistema perceptivo, levando a formação de experiências sensoriais. Como as intensidades ligadas as representações podem ser transferidas pelos mecanismos de deslocamento e condensação torna-se possível a catexia do sistema perceptivo, para se atingir vivacidade sensorial.

“Cada vez mais estranhíssimo!” exclamou Alice (a surpresa fora tanta que por um instante realmente esqueceu como se fala direito). “Agora estou espichando como o maior telescópio que já existiu! Adeus, pés!” (pois, quando olhou para eles, pareciam quase fora do alcance da sua vista, de tão distantes). “Oh, meus pobres pezinhos, quem será que vai calçar meias e sapatos em vocês agora, queridos? Com certeza, eu é que não vou conseguir! Vou estar longe demais para me incomodar com vocês: arranjem-se como puderem... Mas preciso ser gentil com

eles”, pensou Alice, ‘ou quem sabe não vão andar no rumo que eu quero! Deixe-me ver. “Vou dar um par e botinas novas para eles todo Natal”

Para explicar a formação dos sonhos e do aparelho mental proposto, é apresentada a existência de duas instâncias psíquicas, sendo que uma delas submeteria a atividade da outra a uma crítica que resultaria na sua exclusão da consciência. Para passar pela barreira da instância crítica, que permite acesso à consciência, dirige a nossa vida de vigília e determina as ações voluntárias, são necessárias que condições como intensidade e atenção estejam satisfeitas. Assim, o sistema responsável pela crítica e controle dos conteúdos que irão atingir a consciência é o Pré-Consciente e a instância por trás dele, onde se localizam os conteúdos impedidos de atingir a consciência, a menos que sofram transformações, é o Inconsciente.

A via que passa pelo pré-consciente para chegar a consciência é barrada aos pensamentos oníricos durante o dia através da censura imposta pela resistência (assim como Alice, que não pode acessar o jardim, pois não tinha o tamanho adequado...). Durante a noite, quando diminui o fluxo progressivo e ocorre o uso de outros mecanismos (uma garrafinha, um bolo, condensação, deslocamento...), eles conseguem obter acesso a consciência, graças as modificações. Porém, as representações que chegam a consciência não são exatamente as que estão inconscientes, afinal, elas passaram por transformações a ponto de ficar quase irreconhecíveis, bem como a satisfação que obtém não é exatamente a realização do desejo, mas uma tentativa de, como Alice que nunca consegue o tamanho ideal para acessar ao jardim...

Alice apanhou o leque e as luvas e, como fazia muito calor no salão, ficou se abanando sem parar enquanto falava: “Ai,ai! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas aconteciam exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei esta manhã?Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: “Afinal de contas quem sou eu? Ah, este é o grande enigma!”

Retomando... Se a ideia desse ensaio surgiu da comparação entre a imagem da garrafa e do bolo, drink me, eat me, o conceito de regressão e o

dito “O sujeito é ao mesmo tempo regressivo e progressivo”, o que restou agora?

Bom, se a regressão se determina sempre em relação de oposição a algo que seja progressivo, nos aspectos formal, temporal e/ou tópico, os processos mentais são então de um ir e vir, ora num sentido progressivo, consciente, de elaboração lógica formal, crescimento maturacional, etc e ora num sentido regressivo, inconsciente, de construção através dos processos primários, de retorno ao que resta de infantil em cada um de nós. Então, estamos como Alice, sempre em uso de mecanismos (se pensarmos o bolo e a garrafinha como paralelos/comparação/metáforas desses processos) que permitem a progressão e regressão, que se tratam ao mesmo tempo de uma repetição, mas também podem trazer algo de novo, transformações, na tentativa de entrada no “jardim mais encantador que já se viu”, o desejo.

Referências Bibliográficas

- Carroll. C. *Alice no País das Maravilhas – Edição comentada*. 2000
- Castro, R.C. *Aventuras de Alice no país da clínica*. 2011
- Cohen, R.H.P e Garcez, M.M. *Ponderações sobre o tempo em psicanálise e suas relações com a atualidade*.2012
- Freud. S. Regressão. *A Interpretação dos Sonhos*. 1900
- Laplanche,J. e Pontalis.J-B. *Vocabulário da Psicanálise*. 2000.
- Moreira. A.C.G. *O conceito freudiano de regressão e a prática da psicoterapia em ambulatório de hospital universitário*. 2007
- Oliveira, M.L. *As aventuras de Alice no país das maravilhas e na EMEI: Winnicot e a educação*. 2009
- Santoro, V.C. *O coelho de Alice: considerações acerca do tempo na psicanálise*. 2010
- Sagula, F. *Alice no país das maravilhas: simbologia e abstração através de crianças e adultos*. 2006